

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontra-se na ultima pagina da capa.

MODAS.



Prometti-vos, minhas leitoras, dar-vos conta da discussão que teve lugar no quarto de meu *toilette*, a respeito de uma questão de modas.

Vou cumprir a minha promessa o mais fielmente que me for possível.

Tendo-se reunido, como vos disse, umas doze amigas em minha casa n'um desses dias passados, formámo logo uma especie de assembléa de deputados, e eu fui aclamada presidente. Revesti-me, se bem que com difficuldade, da gravidade necessaria á meu alto-cargo, e abri a sessão com a formula do estylo — *Está aberta a sessão*.

As minhas companheiras sentarão-se com a elegancia que se usa nos parlamentos, já divididas em turmas; umas, dispostas a formarem o partido parlamentar á qualquer manifestação da arrogancia governista, á que outras já se preparavão, sem ser aquellas que se destinavão a formar o concentrado partido da opposição.

Depois que estabeleceu-se essa ordem, abri os nossos trabalhos, começando por convidar a illustre assembléa para eleger duas secretarias.

D. Therezinha (pela ordem). — Eu proponho que seja por nomeação de V. Ex., para se evitar a grande demora que acarréta uma eleição por escrutinio secreto. E nesse sentido mando o meu requerimento á mesa.

Foi apoiado, e approved sem debate.

A Sra. Presidente. — Eu nomeio para 1.ª secretaria a Sra. D. Carolina, e para 2.ª D. Mathildes.

A Sra. Presidente (continuando). — Passo agora a dar a ordem do dia, que vem a ser — se os homens devem fazer da moda uma arte, como fazem as mulhoes.

Ouvirão-se muitas vezes pedindo a palavra. (*Agitação.*)

A Sra. Presidente. — Attenção! Vai-se ler a lista das Sras. que pedirão a palavra, pela ordem em que se inscreverão.

A Sra. 1.ª Secretaria (lendo). — A favor, D. Anninha, D. Elisa, D. Eulalia, D. Ernestina, D. Ludovica, D. Virginia e D. Candinha; contra, as Sras. D. Chiquinha, D. Zulmira, D. Celuta, D. Therezinha e D. Amelia.

A Sra. Presidente. — Tem a palavra a Sra. D. Anninha.

D. Anninha (*profundo silencio*). — Sra. presidente, a menos propria talvez para encetar uma discussão desta ordem (*não apoiados*), eu não posso conservar a calma necessaria para entrar nella, além da falta de habilitações com que me reconheço para isso. Deveis pois me desculpar, se não satisfizer a vossa expectativa; ficai porém certas que envidarei todas as minhas forças para cumprir a obrigação que contrahi.

Eu entendo que os homens devem fazer da

moda uma arte, como fazem as mulheres; porque se a belleza não é um dom exclusivo da mulher, e se a moda não é mais do que a arte de adornar a belleza, deve-se concluir que a faculdade de systematisar e fazer *proprios* os adornos, que vem a ser o que eu entendo por fazer da moda uma arte, deve ser extensiva aos homens. Se se lhes nega esse direito, deve-se tambem negar ás mulheres — o que é absurdo; porque isso é um dogma, uma verdade que não soffre contestação.

Para não acontecer mesmo que hajão abusos da moda, quero dizer, para não acontecer que os homens se adornem com enfeites proprios para ornar a belleza da mulher, é necessario que haja um methodo e regras que lhes indiquem o que devem fazer: e isto é o que é fazer da moda uma arte. E' o que tenho a dizer para fundamentar o meu voto.

A Sra. Presidente. — Tem a palavra contra a Sra. D. Chiquinha.

D. Chiquinha. — Apesar de não ter esperança de acompanhar a illustre oradora que prendeu-me na logica cerrada de seu discurso, comtudo é tal a convicção que tenho da bondade da causa que defendo, que ousou confessar que tenho fé que minha opinião prevalecerá, apesar de tudo.

Sras., quem não vê que o homem se torna ridiculo quando systematisa o seu vestuario,

quando se cobre de adornos?! (Apoiados e não apoiados.)

Uma voz. — Prove.

D. Chiquinha (continuando). — Vou provar theoreticamente o facto: eu já ouvi a apreciação imparcial de cada uma de vós, que será por certo a meu favor, se por ventura tiverdes um pouco de bom gosto. Fazer da moda uma arte, é por certo crear um systema de adornar a belleza. Por acaso quereis vós que o homem seja tão trivial e futil que deva occupar-se disso?...

Aqui calou-se a oradora, porque, não sei como, meu mano entrou no meu quarto.

E assim foi bom, porque então não haveria espaço para a explicação da estampa dos bordados que vos offereço hoje, que é digna de vosso estudo.

Não posso largar a penna sem dar-vos noticia, minhas leitoras, de um riquissimo sortimento de novos bordados que a casa Barat recebeu por este paquete, denominados *Broderies de Paris*. Estes bordados são de primeira qualidade, e vale a pena que os examineis, para apreciardes o luxo e o bom gosto das sub-mangas de todos os feitios, camisinhas abertas e fechadas, e collarinhos de todos os moldes, de que consta esse bello sortimento, talvez um dos primeiros neste genero.

Ritinha.

EXPLICAÇÃO DO PADRÃO DE BORDADOS.

N.º 1. — Collarinho recortado de caça, bordado a ponto real e ponto d'armas.

N.º 2. — Tira recortada, para sub-mangas, bordado igual ao do collarinho.

N.º 3. — Canto de lenço, recortado de festão, e as flores a ponto real.

N.º 4. — Tira para mangas. Bordado de festão, e ponto real os cachinhos.

N.º 5. — Canto de lenço. Brazão d'armas, bordado a ponto real.

N.º 6. — Canto de lenço. Brazão d'armas sin-gelo a ponto real.

N.º 7. — Canto de lenço. Bordado inglez.

N.º 8. — Canto de lenço a ponto real.

N.º 9. — Bordado de matiz sobre veludo, para uma carteira, ou qualquer outra prenda mimosa.

N.º 10. — Uma almofadinha de sofá. Bordado de trancelim (*surtache*) sobre paño de lã fino, de cor escura, sendo de cor clara o trancelim, forrada pelo lado de baixo de setim ou tafeta preto.

N.º 11. — Saneia de encosto, para descansar a cabeça, em uma cadeira de balanço. Bordado picado sobre fazenda branca, ou de matiz sobre merino.

Os Nomes e as Firmas que se encontrão no padrão de bordados são feitos para bordado a ponto real.

A DESDITOSA.

ROMANCE.

(Continuado do n.º 6.)

II.

O PALACIO DO BARÃO.

Na cidade de Ponte Delgada existe um grande

palacio, excellente propriedade que os habitantes appellidão de Paço.

Em verdade é um maravilhoso edificio quadrangular, tendo frente para quatro largas praças, de architectura antiga, porém bella, todo

cheio de relevos, flores, pinturas gothicas, á maneira dos arabescos da cathedral de Hespanha, onde se póde observar o gosto do artista e o primor da arte. Seus altos torreões se elevão acima do edificio apresentando um pentagono.

Do lado do Norte ha um portico que serve de entrada para a sala principal, alto e sombrio, onde existem as armas do Barão sustentadas por columnas de alvo granito. Se penetrarmos, veremos, depois de largo ladrilho de pedra marmore, uma escada em espiral dando entrada para a grande sala e para dous lindos gabinetes, que podemos chamar umas segundas salas.

Ahi habitava o Barão, sua esposa, e uma sobrinha orfã; moça tão formosa e tão cheia de attractivos; que dirieis ser Venus de Paphos. Não me proponho a esboçar as bellezas de seu caracter e as perfeições da gentileza de seu esbello corpo, por estar além de minhas forças; deixo este cuidado á melhores pintores.

Deveis estar lembrado, Julio, daquelle manchebo que deixámos prestes a embarcar para Coimbra. Era elle um joven de vinte e dous a vinte e tres annos de idade; mais alto do que seis pés; feições mui lindas; corpo elegante e garboso; maneiras mui polidas e delicadas; ar jovial e engraçado.

Elle amava a sobrinha do Barão com todas as forças de sua alma, e ella por seu turno o retribuia com esta paixão que causa estremeccimento ao avistarem-se dous amantes; com esta paixão que repelle o ente adorador, quando o seute ao seu lado, por um sentimento de pudor mui natural, e que, quando se acha delle ausente, dormindo ou velando, fantasia sua figura, para poder viver sem suspirar e gemer; com esta paixão delirante e embriagadora, que torna a mulher capaz de todos os sacrificios.... Assim pois viverão felizes por algum tempo, até que finalmente, tendo elle de obedecer á vontade de seu pai, devião-se separar: o manchebo para a Universidade, e a sobrinha do Barão para o campo, para tomar ares.

Não podeis avaliar, meu filho, como foi profunda a dor destes dous amantes, e amargurada a sua despedida!.... Abraçados estiverão por algum tempo, sem se dizerem uma só palavra.

Muitas lagrimas, muitos suspiros, muitos protestos de fidelidade, muitos juramentos de amor.... diz Julio atalhando secca e arrebatadamente ao velho; tudo palavras vãs, que são muito adocicadas quando a boca que se ama as pronuncia, mas que, quasi sempre, são fementidas e traiçoeras... Mulheres! entes seductores, que arrebatão o coração, a alma e a vontade do homem, para delle disporem a seu bel prazer, e fazerem de nós um brinco ridiculo de seus caprichos....!

— Dir-se-ha, meu Julio, que soffrestes alguma ingratiidão.... fallais com tanto rancor das mulheres!....

— Sim, meu respeitavel Manoel, já amei com toda a força e delirio de uma paixão cega; amei com aquella confiança tão pura como o regato da floresta; idolatrei com aquelle temor e respeito que só é dado para Deus; só vivia no logar em

que ella estava; só desejava respirar o halito vital que ella sorvia; em toda a parte que ella não apparecia, tornava-se-me tudo em trevas e insipidez. Quando não a via, a existencia era-me um fardo insupportavel; vegetava, e não vivia. Amei-a finalmente como só se póde amar uma unica vez na existencia: com o amor puro e limido do innocente passarinho. E qual foi o resultado que de tudo isto colhi? Eu vos digo. Uma enfermidade perigosa me prostrou por alguns mezes; ella o sabia, porque o meu fiel criado lh'o havia dito. Uma tarde, estava eu na convalescença, porém tão abatido que não me era permitido montar a cavallo, chegou-se-me o criado, afflicto, pallido e muito assistido, e, dando com os olhos em mim, para este lado dirigiu seus mal seguros passos — acabava-me de sentar sobre as paredes do circulo do chafariz:

— Senhor! V. S. terá coragem e resignação para supportar um grande golpe?

— Duvidas de mim, Silvano, lhe respondi eu: algum dia me viste trepidar ante o perigo?

— Mas, meu amo, não sei se lhe deva dizer... V. S. está tão fraco e tão abatido, e agora tão pallido, que eu estou com medo de lhe participar.... Este caso é tão horroroso e tão cruel, que bem póde acabar com a vida de um homem em seu estado perfeito de saude, quanto mais V. S., que se acha ainda tão doente.

— Eu te ordeno, Silvano, que me reveles este incidente, por mais perigoso que por ventura possa ser....

— Mas, meu amo, não sei se o deva obedecer....

— Eu o ordeno, e não admitto réplica.

— Porém, meu caro amo, se V. S. tiver alguma cousa....

— Fico por tudo; e quero que não delongues por mais tempo esta incerteza em que tenho o espirito....

— Enfim, vá lá, V. S. ordena, que hei de eu fazer?... A Sra. D. Emilia casa-se hoje com.... com....

— Dize, dize depressa o resto, insisti eu, mais pallido que a morte.

— Com o Sr. João Manoel, seu amigo.

— Miseraveis!... de ambos me hei de vingar!...

— Mas, meu amo, elle está innocente.

— Como innocente? Ousas acaso tomar a sua defeza?..

— Não, senhor; mas é que o pai foi quem forjou este consorcio: Ella, sim, que é culpada, e bem culpada; porque deu o sim apenas o pai lhe propoz o casamento. Eu vi e ouvi com estes dous.... disse elle arregalando os olhos e espichando as orelhas, pantomima tão expressiva que faria rir ao homem mais serio....

Assentei dever entregar esta penosa crise de minha vida ao despreso e ao tempo.... Eis em poucas palavras, meu caro Manoel, a causa da amargura e do horror que consagro ás mulheres.... Desejo tel-as a meu lado para conviver: mas nunca para amar!....

Agora porém proseguí no caso que contaveis; e não deis peso algum ás minhas palavras.

— Nem por isso, meu filho, vos apresseis a condemnar todas as mulheres; porque chega-

riais a um ponto tal que descrevereis das virtudes daquella que vos deu o ser. Se algumas, por desconhecerem este sentimento poderoso a que chamão amor, procurarão entregar-se a um ricoço, simplesmente pela cobiça de ouro e desejos de mostrarem-se radiantes de adornos, sedas e pedras de grande valor; de figurarem em lindos salões, para serem objecto de oblações e de culto; outras ha que, desligando-se, por assim dizer, das cousas estrondosas do mundo, levão a sua dedicação aos maiores sacrificios; e se por ventura são esposas, seus carinhos, seus affectos, seus galanteios e adornos, revertem do esposo para os filhos queridos, e destes para aquelle. Quantas senhoras não vemos nós que, além de firmarem a felicidade inteira de seu esposo, por seu espirito atilado e penetrante, por sua clareza de pensamentos e pela justezã de seus escriptos, não firmão a reputação de seus escolhidos dando-lhes um nome? A mulher nasce sempre boa, dedicada e propensa para o bem; se algumas ha que são más — nós homens, nós unicos, somos os causadores dessa ruina.

A rosa é uma linda flor, bem innocentinha; se porém o jardineiro não tiver cuidado na occasião de podal-a, agudo espinho lhe penetrará na carne.... e dir-me-heis que seja por maldade da roseira, ou por falta de cuidado do segador? Assim pois na mulher a educação tem uma influencia poderosa: e, quando esta lhe falta, é o mesmo que um diamante, no leito de um rio caudaloso, que passa despercebido ás vistas humanas. Desta falta de logica da nossa parte, e da escravidão e estupidez á que as condemnamos, é que se origina e se desenvolve muitas vezes, em umas a paciencia para soffrer as crises difficiltozas da vida, a resignação, a dedicação para os afflictos; em outras a maldade e todas as suas funestas consequencias.

— Bastantemente nos temos afastado do ponto de partida da nossa conversação, e tenho summo interesse em que prosigais; pois ardentemente

anelo o desfecho que por tantas vezes se me tem pintado com tão negras côres, sem contudo attingirem ao verdadeiro fim.

— Dizia-vos eu, proseguiu o velho, que forcoso era que se separassem os dous amantes. Nesta occasião solemne a dor lhes foi aguda e sincera, e no momento de se darem o ultimo adeus, adeus saudoso em que se diffundia dous corações em uma só alma; elle teve forças para interceder-lhe o lenitivo á sua dor: pediu-lhe a esperanza de receber letras suas. Ella, affectuosamente e com a voz entrecortada pelos soluços, lhe prometteu debaixo de igual condição.

Nesta alternativa quatro annos se passarão sem que nenhum outro incidente viesse perturbar a paz saudosa que nas ausencias desfructayão os dous amantes. Todos os annos, por occasião das férias, vinha o nosso illustre doutor desfructar o repouso em companhia de sua familia: é desnecessario dizer-vos que, logo que saltava em terra, depois de receber as caricias maternas, era *ella* logo procurada: é igualmente inutil pintar-vos as suas alegrias e ternas emoções, quando separados por espaço de oito mezes se tornavão a avistar.

No seu regresso porém para o quinto e ultimo anno do seu curso de sciencias juridicas e sociaes, foi apresentado em casa do Sr. Barão..... um filho segundo de um rico morgado, por nome Amancio, homem de genio terrivel e malfazejo, que seriamente sympathisando com a Sra. D. Ignez, entendeu que pela sua riqueza era mais digno que nenhum outro de possuil-a, e formou desde logo o projecto de pedil-a para sua consorte. Entabou de tal maneira relações com o Sr. Barão..... e estreitou-as por tal fórma, que, por uma occasião em que ambos tratavão de negocios serios, elle sordeou o Barão..... trazendo indirectamente a questão para este assumpto, e, como conhecesse grandes disposições em seu favor, formalmente se declarou, regressando para a sua habitação com o sorriso nos labios e a alegria no coração. (Continua.)

POESIA.

AMIZADE E VENTURA.

Na terra aonde eu nasci,
Além dos pais adorados,
Um formoso cherubi
Me sagrava os seus cuidados.
S'eu chorava, elle chorava;
S'eu era alegre, sorria.
Nossas almas juntavão
Sangue, dever, sympathia.

Era minha irmã querida,
Minha terna companheira

Na melhor quadra da vida,
Na infancia lisongeira,
Quanto eu era venturoso
Quando, tendo-a pelo braço,
Mirava o astro formoso
Que girava pelo espaço!

Suave philosophia,
Manancial de verdade,
E tu, meiga poesia,
Linguagem da Divindade,
Quantas vezes occupastes
O nosso mutuo cuidado?
Sempre a nós acompanhastes
No passeio pelo prado.

Mas passou-se ligeiro esse tempo,
Como passa uma sombra fugaz:
O destino forçou-me a deixar
Minha terna irmazinha e meus pais.
E sósiuho, da patria ausentado,
Minha vida era um triste lutar:
Era a ouda batendo na rocha,
Era o barco luctando co'o mar.

Porém Deus permittiu que um outro anjo
Viesses em minhas magoas consolar-me;
Que te visse, Claudina, e em ti achasse
O encanto que minha irmã sabia dar-me.

Vejo em tua bondade a que ella tinha,
O mesmo rosto moreninho e puro:
Nos teus olhos azues eu vejo os della,
E teu cabello — como o seu — eseuo.

Oh! minha muito cara e boa amiga,
Retrato de minha irmã e da bondade;
A ti não ligá-me o astuto amor,
Mas ligá-me insolúvel amizade.

Rio, 7 de Janeiro de 1854.

A. B. Gitiрана Costa.

A MINHA MÃI.

S'eu morresse distante de meu solo,
Distante de meus pais, de meus irmãos,
Quem mais a minha morte sentiria
Eras tu, minha mãe.

Meu pai me echoraria, meus irmãos,
Minha amante também, e os meus amigos;
Mas quem, mais do que todos, choraria
Eras tu, minha mãe.

Eras tu, doce anjo de bondade,
Melhor amiga que o Senhor me deu.
Quem saudades de mim sempre teria
Eras tu, minha mãe.

Oh! não permita Deus que a dura morte
Me arrebate do mundo, sem que eu diga:
« Quem a ausencia mais triste me fazia
« Eras tu, minha mãe. »

Rio, 25 de Janeiro de 1854.

A. B. Gitiрана Costa.

MULHERES CELEBRES.

D

(Continuado do n.º 6.)

DIDO, princeza de Tyrol. Foi filha de Belus, e mulher de Sicheo; fugiu para a Africa afim de escapar ás perseguições de Pygmalião, e ali fundou Carthago. (880 antes de C.) Julga-se que matara-se para livrar-se de Jarbas, rei dos Gétulos. De grande formosura, os escriptores da antiguidade a descreverão como dissoluta; porém, se todos elles fallão com a verdade do poeta latino Virgilio, que a faz viver no tempo de Enéas, isto é, commettendo um enorme anachronismo, visto que lhe é posterior *tres seculis*, cremos só haver nestes costumes infames demasiada liberdade poetica.

DIGNA, Martial, em uma de suas composições, critica um Romano que deshonrou-se pelo temor da morte; *Digna*, ao contrario, preferiu morrer a ser victima da deshonra. Perseguida por Attila, rei dos Hunos, afirou-se ao mar gritando ao barbaro monarcha: « Segue-me, se queres que eu seja tua! »

DIONISIA DA ENCARNAÇÃO, nativa do Algarve. As sciencias philosophicas e mathematicas lhe erão conhecidas, assim como a architectura e a pintura. Existem escriptos seus.

DOROTHÉA DUBOIS, filha de Ricardo, conde de Angless, e de Anna Sympton, que este fidalgo esposára quando ainda denominava-se Annesley; mas, eleito conde, apressou-se em divorciar-se, e renegar a filha. *Dorothea* conta sua historia em uma especie de romance intitulado *Theodora*,

em 2 vols. Compoz uma opera — *O divorcio* — cuja musica é tambem obra sua.

DOROTHÉA DE BUCCA, lente de medicina em Bolonha. « Vinhão pessoas de todos os paizes, diz Hilarião da Costa, para ouvirem e admirarem as explicações desta mulher a tantos discipulos. »

DRAHOMIRE, mulher de Uratisláo, duque da Bohemia. Em 929 mandou estrangular sua sogra, por ter-lhe o marido deixado a corça em testamento, e arrastou seu filho Bolesláo, idolatra, a tirar a vida á seu irmão Wencesláo, christão. Pereceu como devem acabar os matricidas, cahindo em um precipicio, que se lhe abriu de baixo dos pés, perto da cidade de Praga.

DRIPETINA, filha de Mithridates o grande, acompanhou-o em seus arriscados projectos: vencida com seu pai por Pompeo, matou-se para não ficar prisioneira.

DSINGU, heroína do Japão. Seguiu seu esposo, o imperador Tsiun-ti, na conquista da Corea (201). Morrendo este no meio das victorias, *Dsingu* continuou a campanha e subjugou toda a Corea: de volta ao Japão, deu as mais sabias leis que este paiz ainda hoje guarda.

DUHAUSSET, criada grave da marquezia de Pompadour; nasceu na Normandia em 1720, morreu em 1780. Escreveu: *Memorias sobre a corte de Luiz XV.*

DYUTIMA, philosopha eximia: Socrates a chamava — *mestra*.

Illustrar-se como guerreiras: *Deurades e Dulcida*, Portuguezas; como actrizes: *Dangeville* (morreu em 1736) e *Desmillets*. (Continúa.)

BIBLIOGRAPHIA.

O VISCONDE DE LAUNAY POR M.^{mo} EMILE DE GIRARDIN.

Cremos que será agradável aos leitores do *Diário* que lhes annunciemos a chegada á esta capital de mais um bom livro que se acha exposto á venda na livraria dos Srs. *Garnier Irmãos*, rua do Ouvidor n. 69.

O nome de M.^{mo} de Girardin, da espirituosa collaboradora da *Presse*; é assaz conhecido. As graças do seu estylo terão sido mais de uma vez apreciadas pelos leitores, que sem duvida reconhecem nella uma das mais illustres representantes do seu sexo, um dos mais sollemnes desmentidos da tão apregoadá incapacidade das mulheres para a litteratura. O nosso seculo civilizador e progressista incumbe-se de demonstrar que as *Daciens, Sevigné's e Stael* não erão apenas brilhantes excepções, meteoros, que luzião por um momento no horizonte das letras, apresentando os nomes não menos celebres das *Sands, Guizots e Girardins*.

O livro que a illustre escriptora acaba de publicar, intitulado: — *O visconde de Launay, ou a correspondencia Parisiense*, abrange a historia intima de Paris desde o anno de 1840 ao de 1848, e fórma a continuação das *Cartas Parisienses*, que encerra a chronica da mesma cidade no periodo de 3 annos de 1856 a 1859, e que tambem se poderá encontrar em casa dos mesmos livreiros.

E' de summa vantagem o penetrar no lar domestico, surprender em seus folguedos, no meio das suas calorosas discussões semeadas de ditos picantes a esse grande foco de civilisação, esse cerebro da Europa, a que chamámos Paris. Na visita á grande capital, no estudo e observação dos seus usos e costumes, serve-nos M.^{mo} Girardin de amavel cicerone. Ninguém melhor do que ella conhece a sociedade parisiense, no meio da qual tem vivido e onde tão nobre papel tem representado.

O visconde de Launay passa em revista todos os acontecimentos interessantes que tiverão lugar no intervallo de oito annos; analysa os discursos dos mais famosos oradores das camaras francezas; as peças representadas nos theatros, explicando os motivos da sua maior ou menor acção; falla nas obras que nessa época virão a luz, e a sua critica sempre justa e imparcial habilita-nos para formar ácerca dellas um verdadeiro juizo. Os bailes, os concertos, os *raouts* não escapão á sua penetração, e ajudados

pelo seus raciocinios e doudas pesquisas, vemos formar-se a nuvem que devia trazer o furacão de 1848. Um anno antes deste grande acontecimento, que abalou toda a Europa, escrevia estas propheticas palavras: « os ultra-burguezes perderão a realza de julho; assim como os ultra-fidalgos perderão a realza da restauração. » Eis-aqui outro vaticinio a proposito, d'um celebre livro de M. de Lamartine: « A apparição dos Girardinos desperta todos os furoros dos partidos; assim devia acontecer: este livro é uma revolução; é um presagio, um symptoma, um decreto talvez!... Porque não é sem razão que Deus permittiu a um tal homem escrever tal livro. A alma do poeta é uma lyra sublime que o sopro divino faz vibrar, não sendo ella responsável pelos seus accentos. »

E' sobre tudo ás senhoras que recommendamos a leitura do livro de M.^{mo} Girardin. Com que eloquencia e com que veracidade não pinta ella a corrupção dos tempos modernos, causa primordial dos males que affligem a mais bella porção da especie humana. Prova na sua carta 5.^a que a verdadeira mulher, a mulher como a comprehendião nossos pais nessas eras de nobre e heroico cavalheirismo, *desappareceu do mundo civilisado!*... « Vinte annos de paz produzirão os seus fructos; a coragem não está em moda. Os mancebos de hoje não sabem soffrer nem trabalhar; não sabem supportar a dôr, a pobreza, o tedio, as humilhações honrosas, o calor, o frio, a fadiga e as privações; á excepção de algumas injurias, nada mais podem supportar... Eis-aqui porque as mulheres forão forçadas a metamorphosearem-se; adquirirẽ virtudes sobrenaturaes, que certamente não lhes convinhão. . . .

comprenderão com esse puro instincto que constitue a sua força, que na familia humana um dos dous esposos deve trabalhar para que os filhos sejam alimentados. Tendo o homem cruzado os braços, a mulher entregou-se ao trabalho; e eis porque a mulher não existe mais. »

Seríamos longo, se quizessemos citar todas as bellezas; remettemos o leitor curioso para o excellente livro com que acaba de brindar-nos M.^{mo} Girardin, terminando-o exactamente no momento em que a litteratura era declarada em estado de sitio.

BIBLIOPHILO.

(Extr.)

CHRONICA DOS THEATROS.

Depois de uma semana de silencio, o theatro Provisorio abriu suas portas aos *Dilletanti*, offerecendo-lhes a *Favrita*. A escolha da opera indemnizou a demora: se diria que o theatro se

havia concentrado profundamente; que se havia afastado do torbilhão do mundo para meditar sobre o modo de agradar ao publico Fluminense.

Foi uma noite de doces recordações; — para mim pelo menos. Não quero dizer com isso que a Sra. Jacobson reproduziu M.^{mo} Stoltz: ella mesmo preveniu no *Jornal do Commercio*, suffocando o seu orgulho de artista — que não tinha a vaidade de crer que mataria as saudades que deixou M.^{mo} Stoltz. Mas é inegavel que, quem imparcial e sem indisposição a ouviu nessa noite, julgaria algumas vezes escutar os sons d'aquella voz divina, como um echo que resoava

ao longe as notas repassadas de sentimento que a *Favorita* das noites passadas arrancava do coração, junto ás paredes frias e insensíveis de um Mosteiro — o tumulto de seu Fernando.

Nada mais diremos hoje. Assim como o Rio de Janeiro só fallou esta semana na *Favorita*, o Chronista concentrou-se todo nella, e reduziu a sua chronica á noticia dessa noite concorrida do Provisorio — apezar de ser Domingo e dia chuvoso.

Exemplo de caridade.

A rainha D. Leonor, irmã do imperador Carlos V, e mulher do rei D. Manoel, e, depois da morte deste, de Francisco I de França, foi bem conhecida pela sua inesgotavel beneficencia. Não sahia esta princeza uma só vez do seu palacio, que se não visse a porta assaltada de um grande numero de pobres, que a aturdião com suas lamurias, e se empurravão uns aos outros para alcançar a esmola, que ella a todos sem falta distribuia. Tendo-lhe uma vez dito Francisco I, que conviria pôr limites á sua bondade, pois que entre aquella multidão de pobres que diariamente concorrião á porta do palacio, haviam muitos preguiçosos e vadios, que abusavão de sua boa fé, que assim alimentárem a sua ociosidade; a princeza, considerando que o resultado de tal observação seria diminuir a sua caridade, respondeu a el-rei com muita mansidão: « Mas, senhor, pois que eu não sei distinguir os verdadeiros pobres, dos outros que o não são — deverei acaso punir aquelles, privando-os dos socorros de que carecem? E não vale mais dar esmola a um que a não precise, do que expor-me a negal-a ao verdadeiro necessitado? »

(Extr.)

Viscondessa da...

Economia domestica.

RECEITA PARA FAZER CALDO SECCO PARA VIAGENS.

Tomem-se quatro mãos de vacca e doze libras de carne da perna, tres libras de vitella, e dez libras de perna de carneiro. Cozinhem-se todas estas viandas a fogo brando, escumando-se bem a panella, como de costume. Depois de bem cozidas, separe-se o caldo, que se deixa arrefecer, para lhe tirar completamente toda a gordura que coalha á superficie: passa-se depois o liquido por panno de linho fino, e põe-se a evaporar a fogo lento até chegar á consistencia de massa. Então tira-se da panella, estende-se sobre uma taboa ou pedra liza, e corta-se em pequenos pães, do feitio que se quizer. Estes pães acabão

de se seccar em forno com muito pouco calor. Guardão-se então em vidros de boca larga mui bem tampados com rolhas de vidro ou cortiça, e cobertos por cima com pelle de bexiga de boi.

Estes pães podem conservar-se tres ou quatro annos em bom estado, contanto que estejam bem guardados e em parte secca. Se se quizer, poder-se-ha tambem deitar na primeira panella duas ou tres gallinhas e alguma hortaliça, como nabos, cenouras, etc., cravo da India e pimenta.

Quando se quer fazer uso destes pães, deita-se cousa de meia onça em agua a ferver, cobre-se a panella, e se conserva sobre cinzas quentes, ou hortelho, por um quarto de hora, até que esteja inteiramente desfeito; e ficará um excellente caldo. Deve-se-lhe então deitar um pouco de sal.

Esta receita é mui boa para viajantes, que podem levar consigo grande quantidade de caldo excellente.

LAVAGEM COM AGUA DE BATATAS.

Esta lavagem é só para fazendas finas de seda, lã, ou algodão, que não estejam muito sujas ou cheias de nodoas.

Deitem-se as batatas em um alguidar cheio de agua, e tendõ-as conservado de molho algumas horas, esfreguem-se com uma escova aspera para as desembaraçar da casca e todas as outras materias que as cobrem. Depois, por meio de um ralo, ou de qualquer outro modo, reduzem-se a uma pópa bem diluida, a qual se passa por uma peneira collocada sobre um vaso qualquer com pouca agua; deste modo se consegue, espremendo bem a pópa, extrahir-lhe toda a agua de vegetação que ella contém, a qual se vai reunir no vaso posto debaixo da peneira. Deixa-se então assentar, e se separa depois o liquido, decantando-o muito levemente para não revolver a pópa que fica assente no fundo do vaso. E' este liquido ou agua esbranquiçada, que serve para a lavagem. A pópa da batata póde servir para alimento.

Estende-se então a fazenda ou peça de fato, que se quer lavar, sobre uma mesa coberta de panno de linho bem limpo; e com uma esponja molhada naquelle liquido, se esfrega ao de leve e repetidas vezes a dita peça ou fazenda. Lave-

se depois em agua bem limpa, e ponha-se a secar; e se a operação tiver sido bem dirigida, o effeito será completo.

AGUA PARA TIRAR NODOAS.

Deite-se em um vaso vidrado meia canada de agua tepida, ajunte-se-lhe um pouco de sabão branco e uma onça de soda boa reduzida a pó; quando tudo estiver bem dissolvido, deite-se-lhe duas colheres de fel de vacca e algumas gottas de essencia de alfazema. Mexa-se tudo bem, cõe-se depois por panno de linho, e guarde-se em uma garrafa para quando for preciso.

Para fazer uso desta agua, deitão-se algumas gottas com cautela sobre a nodoa, e esfrega-se com uma escova macia. Lava-se depois em agua limpa o lugar onde estaya a nodoa e todo aquelle á que chegou o liquido preparado; a agua para este fim deve ser morna. Por este meio desaparecerá a nodoa e toda a mancha que podesse prejudicar o vestido ou fazenda em que havia cahido.

PARA RESTABELECER O PELLO DO VELUDO AÇAMADO.

Muitas vezes por qualquer motivo se acama o pello do veludo, deixando defeituoso um objecto de valor. Eis aqui o modo de restabelecer o pello e tirar o defeito. Faz-se aquecer um ferro bem lizo, como por exemplo um ferro de engommar; cobre-se com um panno de algodão molhado, e conserva-se á pequena altura do veludo, no lugar açamado. Ver-se-ha que o vapor, que sahe do panno molhado, começa a fazer levantar o pello do veludo açamado, e se restabelecerá.

MODO DE TORNAR MENOS FRAGIL A LOUÇA FINA.

O modo de tornar a louça de porcelana e de qualquer outra qualidade, menos fragil, é fervel-a de uma até duas horas em uma encerrada de cinza ordinaria, mas bem limpa e peneirada. Os saes que a cinza contém se introduzem nos póros da louça, e formando na superficie uma leve crosta, a tornarão mais compacta e livrarão o seu esmalte das gretas que o calor costuma causar-lhe.

Anecdotas.

Um pregador affirmava no pulpito, que tudo quanto Deus faz é bem feito. « Ora veremos

como elle logo sustentará isto, dizia comsigo um corcunda, que o estava ouvindo. » No fim do sermão, foi esperar o pregador na sacristia, e lhe disse: « Sr. padre, como affirmou que tudo quanto Deus faz é bem feito, olhe bem para mim, e diga lá se tambem eu sou bem feito! — E quem duvida, replicou promptamente o padre, correndo-o todo com os olhos: na sua qualidade de corcunda certamente está muito perfeito.

Um criado de servir entrou pela manbã cedo no quarto de seu amo, já tão embriagado, que este extremamente enfadado lhe disse: « Infame! põe-te já na rua, que já te não posso soffrer. Ainda tão cedo, e já bebado desta sorte! » — Nada... não senhor... nisso não tem razão... lhe respondeu o criado cambaleando: esta... não é de hoje, já me ficou de hontem á tarde...!

CHARADAS.

Embora força e valor
 Possa ousado em si conter, 2.^a e 3.^a
 Vergar não me ha de ou torcer,
 Antes quebrar com vigor, 1.^a e 5.^a
 Porém, se empregado for
 Por Marcia contra meu peito,
 Então ficarei subjeito
 A' que me vergue ou me torça,
 Pois Amor com sua força
 Impõe brandura e respeito.

M.

Nos ermos me encontrarás 1
 Balado minosa ovelha; 1
 Tal por sua cor nevada
 A dirás sómente ao vel-a. 2

Amor em seus olhos,
 Traidor! se occultou;
 Meu peito, de livre,
 Escravo, tornou.

G. M.

Do a primeira de tantas 1
 Dou entre os mais distincção. 1
 Morres por ter-me propicio;
 Ora veja eu não sei, não?!
 G. M.

A charada do n.º 6 é: *Modu.*

Acompanha este n.º 7 um padrão de bordados.